



A morte do jornal e a morte no jornal: reflexões sobre os textos narrativos do obituário do jornal “Folha de S. Paulo”¹

André Cioli Taborda Santoro²

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Este artigo traz apontamentos sobre os desafios impostos ao jornalismo impresso diário em um cenário de concorrência direta com as mídias digitais e de esgotamento das fórmulas textuais que conferem credibilidade, legitimidade e identidade ao relato da notícia. Diante desse cenário, é perceptível o retorno a antigos modelos, como o jornalismo narrativo ou literário. No jornal “Folha de S. Paulo”, muitos textos já apresentam um tratamento estético alternativo. Entre essas matérias, destacam-se aquelas produzidas no obituário do periódico, que passou a trazer perfis de personagens célebres e anônimos no lugar de notas simples de falecimento. Para uma análise apropriada dessas novas abordagens narrativas, faz-se necessário um estudo processual e estético sobre o jornalismo literário praticado atualmente no Brasil.

Palavras-chave

Jornalismo impresso; jornalismo literário; jornalismo narrativo; obituário; Folha de S. Paulo

Considerações iniciais

Muitas são as profecias sobre o fim do modelo atual do Jornalismo impresso. Com o surgimento e a popularização das novas tecnologias da informação, o papel deixou de ser a principal alternativa para uma organização eficiente dos fatos do cotidiano.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de graduação em Jornalismo e da pós-graduação “lato sensu” em Linguagem e Sentido da Universidade Presbiteriana Mackenzie; doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. E-mail para contato: andresantoro@mackenzie.br



Nesse contexto, jornais e revistas se vêem diante do desafio de reinventar antigas fórmulas para tentar resgatar leitores e, com isso, sobreviver à voragem da era digital.

Dois textos publicados recentemente pela revista “Veja” ilustram a crise enfrentada pelo jornalismo impresso contemporâneo. Em “Inferno na torre do Times”, do jornalista André Petry³, o leitor brasileiro é convidado a acompanhar de perto a agonia daquele que é o jornal mais influente do Ocidente – quiçá do mundo inteiro – há várias décadas. O jornal “The New York Times”, prestigioso diário norte-americano, enfrenta uma crise financeira sem precedentes desde que foi lançado, em 1851. Com declínio significativo de leitores e receitas publicitárias, o periódico se vê diante do desafio de se reinventar.

Outro texto que mostra o desafio de convivência entre os veículos impressos e a mídia digital traz um dado singular sobre o mesmo jornal; a partir do início de 2009, o endereço virtual do “Twitter”, uma ferramenta digital de troca de informações, superou o site do “The New York Times” em número de visitantes⁴. Neste caso, o jornal se vê ultrapassado até mesmo em seus domínios na internet, o que indica que a simples adaptação e/ou criação de conteúdos para o formato digital talvez não seja suficiente para contrabalançar a perda de força da mídia impressa.

O cenário é, portanto, propício a experimentações. No mundo inteiro, empresas de comunicação que ainda dependem da receita gerada por veículos impressos lançam mão de fórmulas alternativas para manter sua participação no mercado. No Brasil, o meio editorial vem passando por um processo singular nos últimos anos, com a propagação de projetos, edições e publicações que trazem as marcas de um jornalismo que se convencionou chamar de literário, por sua proximidade com o processo de criação e com os recursos e efeitos estéticos da literatura. Além disso, veículos jornalísticos considerados tradicionais experimentam alternativas a alguns paradigmas

³ Revista Veja, edição de 29 de abril de 2009, p. 90.

⁴ “Twitter supera site do ‘New York Times’ em audiência”. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/twitter-supera-site-new-york-times-audiencia-veja-com-471992.shtml>>. Acesso: 30/05/2009



que, ao menos até o início da década de 1990, estavam profundamente enraizados nos seus processos e dinâmicas internas de produção. A objetividade, a factualidade e a imparcialidade, para citar três diretrizes intimamente ligadas à elaboração de matérias jornalísticas, além de modelos como o “lead” e a pirâmide invertida, que afirmam o caráter informativo das mesmas, passam a ser subvertidos em nome de experimentações narrativas que, se não adentram o território da criação ficcional, ao menos se apropriam de recursos da literatura para a construção de relatos factuais.

Alguns exemplos são úteis para a melhor compreensão desse processo: nos últimos cinco anos, a editora Companhia das Letras vem alimentando com novos títulos uma coleção de livros com narrativas típicas do Jornalismo Literário. Obras como “A Sangue Frio”, de Truman Capote, “Hiroshima”, de John Hersey, e “Fama e Anonimato”, de Gay Talese, posicionadas entre as principais produções do Jornalismo Literário em língua inglesa, entre muitas outras, agora estão disponíveis aos leitores brasileiros em edições atualizadas e traduções bem acabadas. E a mesma empresa, em parceria com outras editoras e algumas instituições financeiras, lançou em 2006 uma das publicações mais comentadas do cenário editorial e jornalístico dos últimos anos: a revista “Piauí”. Não é possível deixar de fora da lista outras publicações com perfil semelhante e histórico igualmente recente no Brasil, como a revista “Brasileiros”, também baseada em um projeto original, e a edição brasileira da revista “Rolling Stone”, cujas edições internacionais já são amplamente conhecidas.

Além das revistas e das coleções de livros, e ainda dentro do universo do jornalismo impresso, os próprios jornais diários começam a adotar estratégias de produção que flertam com os recursos do texto literário. O jornal “Folha de S. Paulo”, um dos periódicos mais importantes da imprensa brasileira, tem adotado, esporadicamente, um estilo distante daquele que usualmente encontra espaço em suas páginas. Mas antes de entrar na discussão sobre o objeto de análise deste artigo, são bem-vindos alguns apontamentos sobre um momento específico da história da imprensa brasileira em que o jornalismo impresso teve uma proximidade significativa com a narrativa literária.



Ecos do passado

Várias publicações – jornais e revistas – podem ser citadas como exemplos de veículos que já abriram terreno para processos de produção e textos alternativos na imprensa. Os mais conhecidos talvez sejam a revista “Realidade”, iniciativa da Editora Abril que marcou as décadas de 1960 e 1970 no jornalismo brasileiro, e o “Jornal da Tarde” (doravante denominado JT), publicado até hoje, embora com um projeto editorial distinto do original.

Lançado em janeiro de 1966, cerca de dois anos após o golpe militar de 1964, o JT, em sua origem, valorizava a grande reportagem e as matérias de fôlego. E, por isso, foi considerado um dos grandes veículos brasileiros de difusão do Jornalismo Literário, ou do “New Journalism” (embora esse estilo de jornalismo só tenha sido sistematizado por Tom Wolfe na década seguinte). O pesquisador José Salvador Faro desenvolveu uma análise interessante sobre o impacto que veículos como o JT tiveram na imprensa brasileira desse período específico. O jornal, segundo o autor, surgiu com uma proposta inovadora em relação ao que era praticado pelos principais periódicos até então:

O JT foi para as bancas como um vespertino inovador na diagramação e na linguagem. O novo veículo rompia com a tradição de sisudez de “O Estado de S. Paulo”, de cujo grupo fazia parte. E o editorial de seu primeiro número falava em 'estilo vibrante, irreverente'. (1996, p. 79).

O JT, ainda segundo Faro, tinha uma:

(...) "efetiva inovação editorial. A cidade, o lazer, o leitor, o noticiário policial ganhavam destaque e competiam nas manchetes fortes em pé de igualdade com o tradicional noticiário nacional e internacional (...). A notícia policial, por exemplo, era tratada quase que literariamente" (1996, p. 79).

Com esta afirmação, o autor identifica uma característica que pode ser apontada como



a saída – já trilhada pelo JT – para mesclar as reportagens mais elaboradas com o noticiário tradicional – essencial na imprensa diária, que não pode prescindir da cobertura do cotidiano, pois, do contrário, corre o risco de não ter massa crítica para preencher, todos os dias, algumas dezenas de páginas com material jornalístico.

Ainda segundo Faro, "o JT chegou a ser acusado de procurar um 'estilo de vida' e não informar" (1996, p. 79), o que indica que, já naquela época, havia bastante preconceito dentro e fora das redações em relação aos modelos que se distanciam dos textos jornalísticos tradicionais – informativos, objetivos, diretos, sem muitos adjetivos e, em última análise, sem um olhar atento sobre os aspectos narrativos da matéria. Apesar de todas essas limitações, os editores do JT souberam aproveitar o espaço que havia – e ainda há – para o exercício da reportagem no jornalismo diário.

O código narrativo aproximava o jornal de “Realidade”, mostrando uma tendência: a matéria que amplia uma simples notícia de poucas linhas aprofunda o fato no espaço e no tempo e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem seria então uma 'narração noticiosa' (1996, p. 80).

Lançada em abril de 1966, a revista “Realidade”, da Editora Abril, também representou um marco na produção jornalística brasileira. Ao incentivar a grande reportagem e estimular a cobertura de temas então polêmicos – como o aborto, o casamento de padres e a sexualidade em geral – a revista se firmou como um pólo de produção de relatos pouco freqüentes na mídia da época.

Da primeira à última edição, a revista valorizou a apuração em profundidade e a construção cuidadosa do texto jornalístico como recursos norteadores de sua produção editorial. “Realidade” circulou de 1966 a 1976, mas, na visão de José Salvador Faro, teve seu ápice no período de 1966 a 1968 – ano da imposição do AI-5, que restringiu as liberdades individuais e de expressão – e que reduziu bastante as possibilidades da revista, que várias vezes teve que se curvar à imposição da censura para não ter seus exemplares apreendidos.



O “Jornal da Tarde” e a revista “Realidade” figuram entre os principais expoentes do Jornalismo Literário no Brasil. E ganharam relevância principalmente pela expressão que tiveram na época em que foram lançados, um período especialmente turbulento da história política recente do nosso país. Mas também porque, nas três décadas seguintes, o mercado editorial brasileiro, apesar de bastante fértil, não experimentou, como agora, nenhum momento específico de produção generalizada de narrativas jornalísticas que se aproximam da literatura.

Nos últimos anos, vários veículos recém-lançados e alguns tradicionais, como a já citada “Folha de S. Paulo”, começaram a flertar com o texto literário de forma mais perceptível e com maior intensidade. Os motivos não são totalmente desconhecidos. Como já apontamos, o novo cenário da mídia, em que as tecnologias digitais disputam espaço com os modos antigos de produção do jornalismo, parece ter ao menos uma parcela de responsabilidade por essa corrida em busca de textos que façam mais sentido para o leitor.

A morte no jornal e o renascimento de um estilo

Lançado em 2008 pela coleção de Jornalismo Literário da editora Companhia das Letras, “O Livro das vidas”, compilação de obituários do jornal “The New York Times”, chegou ao mercado apenas alguns meses depois de a “Folha de S. Paulo” ter inaugurado (na segunda metade de 2007) uma seção de perfis de pessoas mortas. O livro reúne textos sobre pessoas famosas e anônimas retratadas nas últimas décadas pelo jornal norte-americano. Com base nesse modelo de sucesso, o periódico brasileiro passou a abrir um maior espaço para pequenos perfis de personagens – ilustres ou não – em seu obituário, localizado no caderno “Cotidiano”. O texto a seguir, publicado em fevereiro de 2008, é um exemplo dessa construção:



Thesca, o silicone e a odisséia particular⁵

(Willian Vieira)

20/02/2008 – Folha de S. Paulo – Caderno Cotidiano

“O negócio dela era ganhar dinheiro para se transformar”, diz a família, pasma com o fim brusco da odisséia particular de Thesca - que deixou Teresina para se travestir em São Paulo, implantou silicone em busca do corpo perfeito e morreu sem realizar seu sonho italiano.

Thesca nasceu Francisco das Chagas Azevedo, prematuro de seis meses que "desenvolveu bem", chegando a 1,84 m. "Desde 1 ano já tinha jeito, era o mais delicadinho de cinco irmãos", enfiando-se sempre nas brincadeiras de boneca das irmãs.

Aos 17, "tomou coragem e se assumiu", ali mesmo no bairro Dirceu, "onde era adorado até por senhoras de idade". Em menos de um mês se vestia como mulher; logo era o Miss Gay Teresina. Mas queria ir para São Paulo, juntar dinheiro para morar na Itália - lá seria respeitado.

Com 21 anos chegou em São José dos Campos. Em um ano investiu R\$ 15 mil no corpo, com prótese nos seios e implante nas nádegas. O dinheiro de sobra, enviava religiosamente para a mãe.

Solteira, Thesca gastava bem o salto nos forrós. Fora até convidada, diz a irmã, para dançar em bandas do Piauí. "Mas era muito tímida" e até para comprar sapato tinha que ir uma irmã junto. Só à noite, quando punha a roupa de trabalho, sentia-se à vontade.

Viajaria ao Piauí para dar adeus à família, rumo a Itália. "Nunca foi tão feliz". Mas o último implante, nas coxas, invadiu as artérias, causando edema pulmonar e asfixia. Thesca morreu no dia 12, de parada cardíaca, aos 22, em São José dos Campos.

O texto acima é um exemplo, entre muitos outros, dos perfis publicados no obituário da Folha de S. Paulo. Com linguagem relativamente simples, o autor aposta no valor do personagem para compor um retrato singular, com um pé na narrativa literária e outro nos paradigmas da composição da notícia. Convém iniciar pelo segundo aspecto: antes de prosseguir, é preciso ressaltar que os elementos noticiosos mais perceptíveis no texto apresentado foram deslocados para as últimas linhas do mesmo. O motivo – um implante de silicone – e os dados objetivos da morte – data, idade, local e situação que desencadeou o óbito – não são ignorados, mas a posição em que se encontram na matéria dão a entender que o autor não quis dar ao seu texto uma estrutura em conformidade com o modelo da pirâmide invertida, em que as informações mais relevantes – no contexto da organização da notícia – aparecem já

⁵ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2002200834.htm>> (consulta restrita a assinantes). Acesso: 29/06/2009.



nas primeiras frases.

Outra marca de descolamento do texto noticioso tradicional é a imprecisão em relação às fontes ouvidas para a elaboração do texto. A referência “diz a família”, já na primeira frase, aponta para um entrevistado cuja identidade permanece desconhecida até o quinto e último parágrafo, quando uma irmã – não nomeada – da personagem principal é citada.

Após o primeiro parágrafo, o texto, organizado como a cronologia da vida da personagem principal, também fornece um indicador importante do distanciamento em relação aos modelos noticiosos. No lugar de uma seleção de informações que, geralmente, exclui a temporalidade, como nas matérias tradicionais, há um encadeamento de fatos relevantes apresentados na ordem natural, do passado mais distante ao passado recente, quando ocorre a morte – fato derradeiro e que, por ser o principal gerador de interesse, é narrado com algum nível de detalhamento.

Por fim, vale ressaltar o aspecto literário do título: “Thesca, o silicone e a odisséia particular”. Sem indicadores diretos do conteúdo que vem a seguir – recurso costumeiramente empregado em textos jornalísticos convencionais –, o título limita-se a atizar a curiosidade do leitor, chamando-o à leitura sem oferecer pistas explícitas sobre a matéria. No jornalismo impresso, em que a concorrência pela atenção do leitor é cada vez mais acirrada – inclusive dentro de um mesmo jornal –, títulos literários como o da matéria analisada são ousadas pouco frequentes. E ousar talvez seja uma das estratégias para que o jornalismo impresso dribles a crise em que se encontra atualmente.

No Brasil, jornais como a “Folha de S. Paulo” parecem ao menos ter tomado consciência dessas e de outras diretrizes necessárias para a sua sobrevivência e para que se estabeleça uma relação mais efetiva – em todos os níveis, da experiência estética à absorção da informação – entre textos e leitores. Urge, portanto, investigar esses processos e dinâmicas para, antes de tudo, compreender como eles se



estabelecem. Mas também para que o jornalismo literário, bem como todas as suas vertentes, se legitime definitivamente como modo de produção autêntico e eficiente naquele que deve ser o objetivo primordial de todo processo comunicativo dentro do campo jornalístico: informar.

As chaves de leitura não abrem as portas

Em palestra realizada recentemente no Brasil, o pesquisador Mark Kramer, vinculado a um programa de pós-graduação em jornalismo literário da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, apresentou o principal problema relacionado à delimitação de métodos de análise de textos jornalísticos narrativos. Segundo Kramer, jornalismo literário é aquilo que “você-sabe-quando-você-vê”⁶ – em outras palavras, a experiência de leitura, de acordo com o autor, talvez seja o fator determinante para a identificação dos textos literários na imprensa.

Esta não é, contudo, a única nem a primeira aproximação em relação aos contornos e possibilidades do jornalismo literário. Em sua obra seminal “The New Journalism”, Tom Wolfe apresenta um apanhado histórico das aproximações entre jornalismo e literatura para delimitar o movimento do jornalismo norte-americano que dá título ao livro⁷. Além disso, o autor identifica quatro recursos principais que podem ser identificados nas obras dos jornalistas e escritores que produziram obras jornalísticas com elementos literários. Antes de entrar na definição dos recursos, trazemos uma breve apresentação do pensamento do autor sobre o tema:

Se se acompanha de perto o progresso do Novo Jornalismo ao longo dos anos 60, vê-se acontecer uma coisa interessante: os jornalistas aprendendo do nada as técnicas do realismo – especialmente do tipo que se encontra em Fielding, Smollett, Balzac, Dickens e Gogol. Por meio de experiência e erro, por "instinto" mais que pela teoria, os jornalistas começaram a descobrir os recursos que

⁶ Retirado do artigo “Regras rompíveis do Jornalismo Literário”, de Mark Kramer, disponível em <<http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm>>. Acesso: 29/06/2009.

⁷ Neste trabalho, utilizamos a recente tradução em português da obra – “Radical Chique e o Novo Jornalismo” (ver referências bibliográficas).



deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu "imediatismo", sua "realidade concreta", seu "envolvimento emocional", sua qualidade "absorvente" ou "fascinante". (2005, p. 53)

"Imediatismo", "realidade concreta" e "envolvimento emocional", entre outros atributos apresentados pelo autor, são atributos indispensáveis de uma obra jornalística – ou, ao menos, das reportagens que merecem destaque. Da literatura do realismo social – escola literária que, segundo Wolfe, foi a responsável pela elaboração das estratégias narrativas que moldaram o Novo Jornalismo – os autores norte-americanos das décadas de 1960 e 1970, inseridos no movimento do Novo Jornalismo, aproveitaram alguns recursos pontuais: a narrativa cena a cena (apresentação de uma sequência de eventos dentro da matéria), a descrição do status de vida (o registro de gestos e hábitos dos personagens, bem como a descrição de ambientes, situações e objetos de composição de cenas), o uso de diálogos (sem cortes, para buscar a literalidade das declarações) e o uso de ponto de vista da terceira pessoa (ao colocar-se no lugar dos personagens, o jornalismo literário subverte o narrador onisciente neutro característico dos textos noticiosos tradicionais).

A respeito do texto da “Folha de S. Paulo” apresentado anteriormente, é possível recorrer aos recursos delineados por Tom Wolfe para uma análise preliminar da matéria. Ao enumerar cronologicamente alguns dos principais fatos relacionados à vida e à morte da personagem principal, o autor recorre à narrativa cena a cena para estruturar um texto coerente e sedutor. O status de vida também se evidencia em algumas características da personagem. Diálogos não são usados – apenas algumas declarações, geralmente sem identificação precisa daquele que as forneceu. E o ponto de vista da terceira pessoa não chega a ser aplicado ao texto. Essa abordagem, no entanto, se mostra insuficiente para compreender os mecanismos de produção e o alcance narrativo do texto em questão e de todos os outros produzidos no âmbito do jornalismo impresso contemporâneo – ao menos das matérias que flertam com os recursos da literatura.



Deleite informativo – a gestão de uma nova abordagem

Diante da carência de recursos teóricos para analisar o fenômeno de ressurgimento do jornalismo literário na imprensa brasileira, o autor deste artigo iniciou, em 2009, uma pesquisa de doutoramento nessa área, em consonância com uma dissertação de mestrado defendida em 2004, também voltada ao estudo das interfaces entre jornalismo e literatura na imprensa. O objetivo principal é identificar os processos internos de criação do jornalismo literário, os mecanismos estéticos de concepção e configuração desse campo de produção e os efeitos produzidos no leitor por esse tipo de abordagem narrativa que, segundo presumimos, possui um alcance informativo significativamente maior que o discurso jornalístico tradicional.

A respeito dos processos de criação, um suporte coerente com a análise que propomos é a Crítica Genética, metodologia ancorada na teoria da criação de base semiótica, e que foi sistematizada no Brasil pelos estudos de Cecília Salles. A partir dos registros do fazer jornalístico, passando por todas as etapas fundamentais da elaboração do texto de uma matéria – pauta, apuração, redação e edição – pode-se obter indícios importantes sobre as ações e opções de um jornalista durante a concepção, execução e finalização de sua obra. Em sua tese de doutoramento, a pesquisadora Sandra Moura valeu-se das ferramentas da Crítica Genética para investigar o processo criativo do jornalista Caco Barcellos quando da elaboração do livro-reportagem “Rota 66”, publicado em 1992. A autora teve acesso a diversos registros da produção do jornalista, como os blocos de anotações que ele utilizou durante a coleta de dados para o livro. E, com base nesse material, conseguiu organizar um estudo sobre sua produção.

A tese que resultou de sua pesquisa é uma contribuição valiosa para os estudos relativos ao processo criativo da reportagem. Ao lançar luz sobre rotinas e rituais privados de um jornalista em pleno exercício profissional, Sandra Moura inaugurou, de certa forma, o olhar acadêmico sobre os aspectos processuais do jornalismo literário. Mas a autora seguiu à risca os preceitos da Crítica Genética no que tange à inadequação da teoria ao resultado da obra. E, deliberadamente, evitou concentrar sua



análise nos aspectos estéticos relacionados à produção dos textos jornalísticos.

Esta situação pode ser explicada pelos próprios paradigmas da teoria que lhe serviu de base, como já mencionado. Mas também por uma prática – muito freqüente nos estudos em comunicação e jornalismo – que direciona as análises quase sempre para os aspectos racionais e normativos do processo comunicativo, em detrimento das condições emocionais envolvidas no mesmo. A constatação, discutida com muita propriedade em vários livros e artigos do pesquisador Monclar Valverde, embute uma crítica às teorias que privilegiam os processos de mediação nos estudos de mídia, deixando de lado conceitos importantes como a fruição e a sensibilidade despertadas no horizonte da leitura.

Há, de fato, uma limitação importante nos estudos de comunicação e jornalismo, mas não é apenas nessas áreas do conhecimento que a estética encontra obstáculos à sua aplicação. Autores como Raymond Bayer, que organizaram tratados relevantes sobre o desenvolvimento das abordagens estéticas, apontam que os próprios conceitos envolvidos no pensamento estético representam um entrave significativo. Resgatados por Bayer a partir da obra de Hesíodo, os conceitos de “bem” (útil) e de “belo” (que serve apenas ao gozo), por exemplo, já definem uma oposição primordial entre o discurso utilitário – caso do jornalismo tradicional – e o discurso da literatura, que serve à fruição.

É bem-vinda, portanto, uma investigação voltada ao estudo de todo o trajeto criativo da produção de uma reportagem, das suas marcas processuais – que indicam, entre outras coisas, as intenções e escolhas estéticas do autor – aos efeitos, deliberados ou não, que constituem o fenômeno de leitura como mecanismo de apreensão da informação, segundo os paradigmas da estética da recepção já formulados por autores como Regina Zilberman.

Voltando ao objeto central deste artigo, pode-se afirmar que, de posse de um arsenal mais efetivo de análise – a ser construído durante a pesquisa de doutoramento já



mencionada neste trabalho –, perfis como aqueles apresentados no obituário do jornal “Folha de S. Paulo” poderão ser analisados de forma mais efetiva e afetiva, para que as intenções do autor sejam desveladas e a fruição do leitor seja compreendida em todos os seus aspectos passíveis de análise. Afinal, Thesca, em sua odisséia particular, certamente ofereceu um conteúdo informativo mais relevante que muitas matérias sobre personagens mais conhecidos do grande público, escritas com base nos recursos tradicionais de construção do texto jornalístico.

Referências bibliográficas

- BARCELLOS, Caco. *Rota 66 – A história da polícia que mata*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BAYER, Raymond. *História da Estética*. Lisboa: Estampa, 1995.
- CAPOTE, Truman. *A sangue frio*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- FARO, José S. *Revista Realidade, 1966 – 1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: Ulbra, 1999.
- HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- MOURA, Sandra. *O Processo de Investigação do Jornalista Caco Barcellos*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2002.
- SALLES, Cecília A.. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.
- _____. *Crítica Genética: Uma (nova) Introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
- _____. *Redes da Criação*. São Paulo: Horizonte, 2008.
- SANTORO, André. *Fato Consumado: A Presença da Ficção na Mídia Impressa*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2004.
- TALESE, Gay. *Fama & anonimato*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- VALVERDE, Monclar (org.). *As Formas do Sentido: Estudos em Estética da Comunicação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.